

Historiadores do mundo, uni-vos! Eric Hobsbawm e o Grupo de Historiadores do Partido Comunista Britânico, 1946-1956*

Emile Chabal**

Resumo: Como os historiadores se tornam historiadores? Alguns podem dizer que tudo o que é preciso é dedicação à profissão e um talento para ler fontes arquivísticas. Mas a realidade da profissão é bem mais complexa. Eric Hobsbawm – um dos historiadores mais famosos do século XX – é um exemplo perfeito disso. Sua jornada, de um brilhante estudante de doutorado para um nome conhecido globalmente, não foi inevitável; na verdade, esse percurso desenvolveu-se em meio a uma teia complexa de amizades e contatos que lhe permitiram falar com desenvoltura para (e sobre) uma enorme gama de audiências. Neste artigo, eu exploro um dos aspectos mais importantes de seu aprendizado histórico: sua participação no *Communist Party Historians Group*. O grupo foi um dos fóruns mais proeminentes para o desenvolvimento das ideias de Hobsbawm nas décadas de 1940 e 1950 – e, pela riqueza de suas discussões, deixou uma impressão duradoura na historiografia marxista.

Palavras-chave: Eric Hobsbawm; história marxista; comunismo.

Abstract: How do historians become historians? Some might say that all it takes is dedication to the profession and a talent for reading archival sources. But the reality of the profession is rather more complex. Eric Hobsbawm – one of the most famous historians of the twentieth-century – is a perfect example of this. His journey from a bright doctoral student to a global household name was not inevitable; instead, it involved a complex web of friendships and contacts that enabled him to speak knowledgeably to (and about) a huge range of audiences. In this article, I explore one of the most important aspects of his historical apprenticeship: his membership of the Communist Party Historians Group. This became one of the pre-eminent forums

* Tradução: Felipe Azevedo e Souza. Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista de Pós-Doutorado pela CAPES na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Contato: felipeazv.souza@gmail.com.

** Doutor em História pela University of Cambridge (Inglaterra). Reader em História na University of Edinburgh (Escócia). Especialista em História Política e Intelectual Europeia do século XX, especialmente na França. Com várias publicações no campo, como o livro *A Divided Republic: nation, state and citizenship in contemporary France* (Cambridge, 2015). Atualmente, desenvolve uma biografia intelectual em recorte global do historiador marxista Eric Hobsbawm. E-mail: emile.chabal@ed.ac.uk. Website: <http://www.homepages.ed.ac.uk/echabal/>.

for the development of Hobsbawm's ideas in the 1940s and 50s – and, through the richness of its discussions, left a lasting impression on Marxist historiography.

Keywords: Eric Hobsbawm; Marxist history; Communism.

Além de um pouco de inteligência e muita perseverança, são necessárias três coisas para se fazer um bom historiador. Primeiro, criação de vínculos com grupos de amigos capazes de oferecer apoio emocional, ler trabalhos e fornecer arrimo intelectual. Segundo, alguns inimigos bem definidos que podem ser invocados em argumentos e divergências. E, finalmente, uma ampla rede de contatos que pode ser usada para criar colaborações, testar ideias ou simplesmente oferecer um convite para uma conferência em um local glamoroso. Hobsbawm teve a sorte de ter todas essas três coisas em abundância durante seus anos de formação, desde o final da guerra até o início dos anos 1960. Ele era amigo de algumas das mentes mais brilhantes de sua geração; ele estava firmemente situado em um lado de uma emergente guerra fria cultural; e ele tinha, no final desse período, uma volumosa lista de endereços de contatos de admiradores de seu trabalho e de sua capacidade realizadora. Ainda que com uma exígua quantidade de publicações – o que, no ambiente acadêmico competitivo dos dias atuais, poderia ter-lhe causado problemas em relação a sua falta de produtividade – já estava construindo uma formidável base para o desenvolvimento de sua carreira.

É importante, no entanto, não ler a carreira de Hobsbawm retrospectivamente. Ele não era, como muitos obituários e tributos parecem sugerir, sempre destinado à grandeza. Na década de 1950, ele era apenas mais um membro, embora bastante brilhante, de sua geração de historiadores marxistas do pós-guerra. Ele era amigo da maioria deles e eles compartilhavam interesses semelhantes sobre as origens do capitalismo, a Revolução Industrial e a história das classes trabalhadoras. Além disso, o grupo estava envolvido em um projeto explicitamente político. O enfoque subsequente em vários indivíduos singulares obscureceu bastante o fato de que, nos anos imediatamente posteriores à guerra, o mundo de Hobsbawm e de seus pares girava em torno do comunismo britânico – e, em menor medida, do comunismo europeu. O “comunista” na expressão “historiadores comunistas” não era um adjetivo banal; era a própria essência de sua identidade. Com a ruptura de 1956, parte desse compromisso se dissolveu. Mas, durante uma década ou mais, foi bastante genuíno e teve um impacto real na visão de mundo de Hobsbawm.

Isso era claramente perceptível no envolvimento de Hobsbawm com vários projetos intelectuais mais ou menos associados ao comunismo britânico ou europeu. O mais famoso deles foi o Grupo de Historiadores do Partido Comunista (GHPC), que voltou a se reunir a partir de 1946. Mas havia muitos outros, incluindo suas densas ligações interpessoais com os comunistas britânicos durante e após a guerra, e seu envolvimento no pós-guerra com os exilados da Europa Central situados em Londres. Esses aspectos de sua trajetória definiram uma proporção substancial das suas atividades diárias, assim como seus círculos de amizade. Não se pode dizer que ele sempre tenha sido um seguidor incondicional da linha partidária, mas ele certamente se permitia ser manipulado. No entanto, é importante capturar um pouco do peso da vida partidária nas décadas de 1940 e 1950. Mesmo para um ativista comum como Hobsbawm, o comunismo era uma

ideologia total. Dominou as orientações intelectuais de seus membros e incutiu certos reflexos que eram extremamente difíceis de se livrar. Apesar de suas muitas tentativas de conciliar liberdade intelectual com os rigores da disciplina ideológica, nesse período, mais do que em qualquer outro em sua vida, Hobsbawm era um homem do Partido e seus amigos eram pessoas do Partido.

Essa estreita relação entre atividade intelectual e política não era, naturalmente, nada de novo. Já na década de 1930, como estudante, Hobsbawm se viu frequentemente rodeado de membros do Partido Comunista. Sua vida tripla como um comunista de Cambridge, um ativista estudantil de Londres e um revolucionário global em Paris, garantiu que seus círculos de amizade permanecessem em sua maior parte dentro dos parâmetros do Partido. Ele passou muito de seu tempo livre, incluindo férias, envolvido em atividades relacionadas ao Partido. Inevitavelmente, a eclosão da guerra prejudicou as ligações de Hobsbawm com o movimento comunista global. Ele não podia mais viajar para o exterior e muitos de seus antigos contemporâneos de universidade foram mortos ou encarcerados. Seu confinamento nas Ilhas Britânicas significava ajustar seus horizontes ao contexto britânico mais modesto, onde o comunismo era extremamente fraco, especialmente durante o difícil período de dois anos, entre agosto de 1939 e junho de 1941, quando a União Soviética era oficialmente aliada à Alemanha nazista. Não que Hobsbawm tenha levantado qualquer objeção pública a esse alinhamento contraintuitivo entre o fascismo e o comunismo, que chocou milhares de ativistas comunistas por toda a Europa. Ele estava até disposto a publicar material em apoio à posição de Stalin. No início de 1940, ele foi coautor de um pequeno panfleto do *Cambridge University Socialist Club* (CUSC) intitulado “Guerra à URSS?”, com Raymond Williams, que mais tarde se tornaria um dos principais críticos culturais marxistas da Grã-Bretanha.¹ A apologia à ocupação soviética da Finlândia e em apoio às políticas de Stalin não era a mais virulenta propaganda pró-comunista, mas mostrava que Hobsbawm era, como seus contemporâneos sabiam, alguém que confiava plenamente na linha do Partido.

A convocação de Hobsbawm para o exército britânico em fevereiro de 1940 pouco influenciou para flexionar suas simpatias comunistas. Pelo contrário, foi durante, e imediatamente após a guerra, que ele se tornou mais profundamente ligado ao mundo social do comunismo britânico através de suas amizades, contatos e da comunidade intelectual do Grupo de Historiadores. Em um nível íntimo, sua relação romântica mais significativa durante a guerra foi com Muriel Seaman, uma comunista ortodoxa com quem ele se casou em 1943. Ele passou a maior parte do período em que foi dispensado das funções militares com ela e membros do Partido sediados em Londres. Quando não estava envolvido no trabalho penoso de ensinar alemão elementar a oficiais recalcitrantes, ele estava discutindo estratégias de guerra e do Partido com sua esposa e seus conhecidos mais próximos, como Christopher “Kit” Meredith e Derek van Abbé.² As interceptações telefônicas fragmentadas, as cartas abertas e os grampos telefônicos do Partido Comunista que sobreviveram

1 Anônimo [Eric Hobsbawm & Raymond Williams], “War in URSS?” (Londres: University Labor Federation, 1940), Biblioteca Memorial Marx YA08/WAR. Williams lembrou que escreveu o panfleto em: WILLIAMS, Raymond. *Politics and Letters: Interviews with New Left Review*. Londres: New Left Books, 1979, p. 42-3. Há alguma confusão, no entanto, sobre exatamente em que panfleto Hobsbawm e Williams trabalharam, e quando “War in USSR?” foi realmente escrito. Para opiniões sobrepostas, ver: EVANS, Richard. *Eric Hobsbawm: A Life in History*. London: Little; Brown, 2019, p. 180-1; BARROW, Logie. “Letter”. *Labour History Review*, v. 18, n. 3, 293-295, 2015.

2 Ver, por exemplo, as poucas correspondências entre Christopher “Kit” Meredith, Derek van Abbé e Eric Hobsbawm no People’s History Museum Archive, Manchester (doravante PHM) CP/IND/MISC/12.

nos arquivos do serviço secreto tratando de Hobsbawm oferecem evidências de conversas regulares com sua estimada amiga de Cambridge e dedicada integrante do Partido, Margot Heinemann.³ Também manteve vínculos estreitos com a hierarquia partidária do PCGB em King St. (ele foi, por exemplo, convidado a redigir um documento de 10 páginas sobre a reorganização do exército no outono de 1942). Mesmo a única carta solitária a sua esposa que foi interceptada pelo MI5 (abreviação para *Military Intelligence, section 5*, agência de segurança e espionagem interna britânica) na primavera de 1945 foi em grande parte uma discussão da situação política local e global na época.⁴ As poucas palavras de ternura não podiam esconder o fato de que a relação deles era dependente e embutida no universo social do Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB).

Como a maioria de seus pares, a prioridade de Hobsbawm nos primeiros anos do pós-guerra era compensar o tempo “perdido” da guerra, durante o qual compromissos políticos e intelectuais foram colocados em suspenso. Ele agora tinha que construir novas conexões, bem como reconstruir as redes das quais ele fazia parte antes da guerra começar. Não há melhor exemplo dessa relação estreita entre amizade, política e engajamento intelectual do que o envolvimento íntimo de Hobsbawm com o Grupo de Historiadores do Partido Comunista. Sua participação no GHPC passou a definir seu trabalho e o de toda uma geração de historiadores marxistas. De fato, sua influência na historiografia subsequente foi tão grande que surgiu uma espécie de mitologia em torno dela, à qual o próprio Hobsbawm contribuiu escrevendo a primeira história do grupo em 1978.⁵ Houve dois problemas gerais com grande parte da literatura favorável ao GHPC: primeiro, a tendência de explorar excessivamente membros que se tornaram famosos às custas daqueles que não possuíam o mesmo pedigree acadêmico; segundo, e em grande parte como resultado da decomposição parcial do grupo em 1956, enfatizou-se a “independência” intelectual de vários membros em relação à linha partidária.⁶ Essas avaliações retrospectivas obscureceram as dimensões das origens do grupo em relação ao universo social e político do comunismo britânico no pós-guerra.

Hobsbawm é parcialmente responsável pela amnésia coletiva sobre as origens do GHPC. Ele começou sua história do grupo em 1946 e afirmou, ousadamente, que não havia “nenhuma tradição da história marxista na Grã-Bretanha”.⁷ Isso não era exatamente verdade. Já antes da guerra, o Partido começara a reconsiderar o papel dos intelectuais como parte de um movimento mais geral para expandir seu apelo sob a nova política da Frente Popular.⁸ Isso foi inevitavelmente encorajado pelas vastas mobilizações estudantis do final da década de 1930. O surgimento de um grupo discreto de cientistas do Partido e o enorme sucesso do *Left Book Club*

3 Ver, por exemplo: “Lascar Extract” (25 de novembro de 1942) e “Holborn 4071: réplica de Eric Hobsbawm a Margot Heinemann”, (2 de julho de 1944), TNA KV 2/3980.

4 Eric Hobsbawm a Muriel Seaman, (15 de abril de 1945), TNA KV 2/3980.

5 HOBBSAWM, Eric. “The Historians’ Group of the Communist Party”. In: CORNFORTH, Maurice (ed.). *Rebels and Their Causes: Essays in Honour of A. L. Morton*. Londres: Lawrence & Wishart, 1978, p. 21-47.

6 Para contrastar as perspectivas críticas sobre o GHPC, ver: KAYE, Harvey. *The British Marxist Historians: an introductory analysis*. Cambridge: Polity Press, 1984; SAMUEL, Raphael. “The British Marxist Historians, 1880-1980”. *New Left Review*, n. 120, p. 21-96, Mar-Apr 1980; SCHWARZ, Bill. “The people’ in history: the Communist Party Historians’ Group, 1946-56”. In: JOHNSON, Richard et al. (eds.). *Making Histories: Studies in history-writing and politics*. Abingdon: Routledge, 2007 [1982], p. 44-96; “The Historian as Marxist: The Group”. In: HIMMELFARB, Gertrude. *The New History and the Old: Critical Essays and Reappraisals*. Londres: Harvard University Press, 2004, p. 88-112.

7 HOBBSAWM. “The Historians’ Group”, p. 22.

8 BRANSON, Noreen. *History of the Communist Party of Great Britain 1927-1941*. Londres: Lawrence and Wishart, 1985, p. 204-219.

(Clube do Livro de Esquerda) ofereceram mais evidências da importância de ideias e intelectuais na luta revolucionária. É verdade que o estudo da história não estava na vanguarda desse movimento, mas, como demonstrou Antony Howe, o Partido Comunista demonstrava interesse por história desde meados da década de 1930. Mesmo antes da guerra, havia um “vigoroso” grupo de historiadores no Partido dirigido por Dona Torr e Robin Page Arnot. E, durante os tempos de guerra, os debates sobre história tiveram destaque nas discussões sobre os rumos futuros do Partido. Várias tentativas abortadas de estabelecer uma “Faculdade de História” comunista entre 1941-1942 se esgotaram, mas os membros do Partido lograram sucesso ao criar a série de livros *Past and Present*,⁹ editada pelos experientes historiadores V. Gordon Childe e Benjamin Farrington, e publicado pela Corbett Press, uma subsidiária dos editores do Partido, Lawrence e Wishart. A iniciativa veio a se tornar uma saída popular para os escritos de membros do GHPC.¹⁰

A Segunda Guerra Mundial deu um novo impulso a várias iniciativas para fixar uma narrativa histórica comunista que seria adequada para o consumo em massa. Como foi o caso dos Partidos comunistas em toda a Europa, a guerra permitiu ao PCGB recrutar muitos novos membros que simpatizavam com o papel que os soviéticos desempenharam na derrota do nazismo. Em seu auge, em 1943, o PCGB poderia se gabar de ter 56.000 membros, um enorme aumento em relação aos cerca de 18.000 registrados entre 1938-1939. O número sofreu uma pequena queda um pouco depois do fim da guerra, mas ainda havia mais de 42.000 membros nas listas do Partido em abril de 1946.¹¹ Mesmo para uma entidade política tão intimamente dependente dos ditames de Moscou, essa enorme expansão estimulou inovações nas estratégias do Partido. Esse processo foi acelerado pela dissolução da organização internacional do comunismo, o Comintern, em 1943; o surgimento das “People’s Democracies” (“Democracias Populares” ou “Democracias do Povo”) da Europa Oriental no final da década de 1940; e o subsequente anúncio pelo PCGB de uma “estrada britânica para o socialismo” em janeiro de 1951.¹² À medida que o PCGB se tornava cada vez mais focado em seu caráter “nacional”, precisava encontrar uma narrativa especificamente britânica para sustentar sua nova linha ideológica. E, dada a centralidade do progresso histórico para o marxismo-leninismo, era apenas uma questão de tempo até que a hierarquia partidária começasse a prestar mais atenção em como a história estava sendo escrita. Por isso, o Grupo dos Historiadores foi muito mais um produto do Partido que o sustentou. Com o tempo, tornou-se um fórum para discussões semi-independentes sobre a história e a historiografia, mas no início ela pertencia firmemente à órbita da política cultural do Partido. Historiadores foram mobilizados pelo PCGB para combater a “batalha de ideias” da mesma maneira que escritores, cineastas e músicos foram mobilizados.¹³ Eles deveriam usar seus talentos – essencialmente, ler e escrever – para apoiar a causa revolucionária. Em

9 Projeto sem relação com a revista acadêmica *Past and Present*, criada em 1952 por Hobsbawm e outros.

10 Sobre a pré-história do CPHG, ver: HOWE, Antony. “The past is ours: the political usage of English history by the British Communist Party, and the role of Dona Torr in the creation of its Historians Group, 1930-56”, (PhD diss., University of Sydney, 2003), p. 416-426. Sou extremamente grato a Tony por me ajudar a entender esse período inicial e por seu conhecimento biográfico abrangente.

11 Para uma análise detalhada dos números de membros da CPGB nesse período, ver: THORPE, Andrew. “The Membership of the Communist Party of Great Britain, 1920-1945”. *The Historical Journal*, v. 43, n. 3, p. 777-800, 2000.

12 *The British Road to Socialism*. Programme adopted by the Executive Committee of the Communist Party. Londres: Communist Party of Great Britain, 1951.

13 De fato, o GHPC talvez seja sido mais abordado como parte da “história cultural” do comunismo britânico. Para exemplos de tal história: CROFT, Andy (ed.). *A weapon in the struggle: the cultural history of the Communist Party in Britain*. Londres: Pluto Press, 1998.

suma, eles eram comunistas em primeiro lugar, e historiadores em segundo. Como Hobsbawm observou em seu relato de 1978, o Grupo de Historiadores era “se não exatamente um modo de vida, pelo menos uma pequena causa” e os membros “segregavam-se estritamente de cismáticos e hereges”.¹⁴

Os registros sobreviventes sugerem que a ideia de um grupo de história foi impulsionada em 1945 e 1946 por três jovens historiadores comunistas: Christopher Hill, Daphne May e Dona Torr.¹⁵ O objetivo principal, pelo menos inicialmente, era reunir um grupo de historiadores que sugerissem revisões do livro *A People's History of England* de A. L. Morton, originalmente publicado em 1938.¹⁶ O volume de Morton tinha sido muito bem-sucedido e o Partido esperava usá-lo como uma base para uma história comunista da Grã-Bretanha. Mas precisou de alguns “ajustes” para alinhá-lo com a ortodoxia marxista predominante. Hill, May e Torr já haviam escrito extensas críticas ao livro de Morton durante a guerra, mas queriam um grupo maior de historiadores que pudesse ajudar no processo de “revisão”. Eles também esperavam que tal iniciativa assumisse um caráter mais formal. Com uma linha partidária inconstante e muitos novos recrutas, o período imediato do pós-guerra parecia um momento ideal para embarcar numa discussão mais aprofundada sobre como seria uma história marxista britânica e também como seria a maneira mais apropriada de anunciar essa história ao mundo.

Não se sabe exatamente quando Hobsbawm foi convidado a participar desse coletivo de historiadores emergentes. Ele não parece ter desempenhado qualquer papel importante no início do projeto, o que sem dúvida explica a história bastante truncada que ele contou sobre o surgimento do grupo em seu relato de 1978. Ele também estava no exército quando a proposta foi discutida pela primeira vez no final de 1945, embora ele provavelmente tivesse ouvido algo sobre isso de seus numerosos amigos comunistas. O que sabemos é que ele estava envolvido com a primeira reunião do grupo, que foi uma conferência de historiadores realizada em 29 e 30 de junho de 1946 na *Workers' Music Association* (Associação de Trabalhadores da Música), na Great Newport Street, em Londres. As atas dessa reunião são escassas, mas o seu propósito era bastante claro: o primeiro item da agenda era uma “discussão da história da Inglaterra de A. L. Morton”, organizada “com base em sugestões escritas para revisão, enviadas antecipadamente e circuladas aos participantes da conferência”. Posteriormente, foram atribuídas partes do texto de Morton a vários historiadores para revisão; no caso de Hobsbawm, isso significava os capítulos 14 a 17 do livro, que tratavam da ascensão da classe trabalhadora britânica, da expansão colonial e da Primeira Guerra Mundial.¹⁷ Hobsbawm deve ter compreendido que essa tarefa era uma “retificação” ideológica, encapsulada como crítica construtiva, mas ele ficou feliz em concordar com ela e, em última análise, produziu uma página A4 completa de correções.¹⁸

A segunda conferência dos historiadores, que aconteceu durante três dias no final de setembro de 1946 no New Scala Restaurant, em Charlotte Street, seguiu um padrão similar ao primeiro. Trinta e seis pessoas compareceram, e o primeiro dia foi dedicado a uma crítica aprofundada de Morton. As discussões no segundo e terceiro dia se voltaram para outros assuntos. Um deles foi o futuro

14 HOBBSAWM. “The Historians’ Group”, p. 23, 25.

15 HOWE. “The Past Is Ours”, p. 439-48.

16 N. do E.: há uma tradução para o português feita pela Editora Civilização Brasileira em 1970 a partir da segunda edição inglesa de 1964. MORTON, A. L. *A História do Povo Inglês*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1970.

17 MAY, Daphne. “Minutes of the Historians’ Conference, 29-30 June 1946”. PHM CP/CENT/CULT/5/11.

18 HOWE. “The Past Is Ours”, p. 488. Ver também os documentos em: MRC 937/6/2/1.

a longo prazo do grupo. Havia claramente tanto o apoio do Partido, quanto o entusiasmo individual pelo estabelecimento de um Grupo de Historiadores mais regular e formalizado, e é um sinal dessa intenção que os participantes tenham decidido constituir um comitê para administrar o grupo. Foram eleitos Hill para presidente, May como secretária e Hobsbawm como tesoureiro. Esse também foi o momento em que quatro “seções” foram estabelecidas para tratar de períodos específicos: “História Antiga”, “Medieval”, “Século XVI-XVII” e “Século XIX”. Com o tempo, essas seções assumiram uma importância crucial como os principais fóruns de discussão de questões historiográficas. Finalmente, os membros estabeleceram algumas das principais prioridades para os próximos anos. Estas incluíam uma “bibliografia de escritos históricos marxistas em inglês”; planos para comemorações de efemérides (especialmente o centenário das revoluções de 1848); a necessidade de desenvolver “contatos estrangeiros”; a importância da educação de adultos e livros escolares; e o desafio de divulgar o trabalho do grupo em periódicos partidários como o *Daily Worker* e o *Modern Quarterly*. Também havia um senso geral de que alguns membros do grupo deveriam assumir a responsabilidade de responder a representações imprecisas do marxismo, do comunismo e da história marxista na imprensa “burguesa”. Isso diz algo sobre a reputação de Hobsbawm na época em que ele era um dos três membros – juntamente com Jack Tizard e Jack Lindsay – que foi encarregado do “Comitê de Polêmicas”. Era obviamente uma tarefa com a qual ele sentia uma certa afinidade, cumprindo ativamente seus deveres como um indignado escritor de cartas no final dos anos 1940 e 1950.¹⁹

77

Em um nível mais geral, essa segunda “Conferência dos Historiadores”, no verão de 1946, marcou o início de uma entidade formalizada conhecida como Grupo dos Historiadores. Essa era tanto uma organização em si como uma organização guarda-chuva, nominalmente encarregada de coordenar as atividades das diferentes seções cronológicas ou temáticas. As atas de suas reuniões – meticulosamente grafadas à mão em uma série de cadernos – atestam o trabalho frequentemente tedioso de assegurar que o GHPC continuasse a funcionar. Havia logística substancial envolvida em reuniões de seção de planejamento, organizando “conferências” maiores e organizando atividades de divulgação (como, por exemplo, em escolas). Para garantir um fluxo regular de fundos, os membros tinham que pagar uma assinatura, mas nem todos mantinham seus pagamentos em dia. Além disso, não era fácil levar as pessoas a participar de reuniões, e aqueles que o faziam nem sempre estavam satisfeitos com as exigências da linha partidária. No início de 1948, o comitê do GHPC decidiu que todos os membros da seção deveriam mostrar seus cartões de membro do Partido no início de cada reunião. Em abril, Hobsbawm relatou ao comitê que os membros da seção do século 19 “se opuseram a ter que mostrar a carteira do Partido alegando que o Grupo de Historiadores não era estritamente uma organização do Partido” e que tal política “desencorajaria os camaradas a convidar apoiadores não partidários”. Previsivelmente, essa queixa foi expressamente “repudiada”, mas indicou que, mesmo nesse estágio inicial, havia tensões entre aqueles como May e Torr, que viam o grupo através de uma lente estritamente ideológica, e aqueles como Hobsbawm, para quem isso deveria ser um fórum para discussão produtiva (se ortodoxa).²⁰

19 Para as informações deste parágrafo, ver: “Minutes of Historian’s Conference, September 27, 28 and 29, 1946”. PHM CP/CENT/CULT/5/11.

20 “Seventh meeting of the Committee of Historians Group held in London, 10 April 1948”. PHM CP/CENT/CULT/5/11.

Dado o investimento substancial de tempo e energia da parte dos envolvidos, é natural perguntar quais foram as motivações dos membros para ingressar no grupo. Não há uma resposta consistente para essa questão. No seu auge, no final da década de 1940, o GHPC tinha 120 ou mais membros, embora esse número tenha diminuído para cerca de 60 em meados dos anos 1950. Tal diversidade significou que pessoas diferentes participaram por diferentes razões. Ainda assim, parece haver três grandes razões pelas quais os historiadores se juntaram. Para os heróis e heroínas do GHPC – pois existiam muitas mulheres como May, Torr e Betty Grant – essa era outra das responsabilidades do Partido. Eles estavam interessados nos assuntos em discussão e contribuía-ram ativamente, mas ocasionalmente podiam ser céticos quanto às pretensões acadêmicas de alguns membros. Para aqueles que não estavam – e nem planejavam ingressar – na academia, o GHPC foi uma oportunidade de manter contato com as últimas descobertas da historiografia marxista britânica e potencialmente contribuir com uma perspectiva mais realista para os debates, que de outra forma seriam altamente teóricos.²¹

Por último, havia aqueles que já eram acadêmicos profissionais ou que estavam prestes a se tornar. Para esse segmento – que incluía figuras como Hill, Hobsbawm, Rodney Hilton, John Saville e Victor Kiernan – o GHPC era mais do que simplesmente uma extensão do trabalho do Partido. Eles usaram o Grupo de Historiadores para aprender mais sobre suas respectivas disciplinas e para afiar suas ferramentas analíticas. Isso foi particularmente verdadeiro para a parcela um pouco mais jovem da qual Hobsbawm fazia parte. Hill foi a exceção, já que ele era um dos únicos historiadores comunistas na Grã-Bretanha a ter um emprego estável em Balliol já durante a guerra, mas todos os outros estavam no início de suas carreiras e/ou procurando emprego. As reuniões do comitê do GHPC, as conferências partidárias e as discussões de pequenos grupos ofereceram a oportunidade de trocar ideias. No caso de Hobsbawm, isso foi de uma importância considerável, porque ele não podia ainda reivindicar credenciais como historiador da Grã-Bretanha moderna quando se juntou ao grupo em 1946. Seu plano original era escrever uma tese de doutorado sobre o colonialismo no Norte da África e, apesar de ter abandonado essa ideia até o final da guerra, ele não tinha nenhum histórico de pesquisa sobre história britânica. Evidentemente, ele aprendeu muito sobre o movimento operário britânico do século XIX no decorrer de sua pesquisa de doutorado de 1946 a 1949, mas o GHPC era uma contrapartida informal essencial para seu aprendizado formal.

A gama de debates em que Hobsbawm foi introduzido através do GHPC era enorme. Resumindo brevemente, houve quatro debates historiográficos importantes que ocuparam o grupo em sua primeira década. O primeiro foi a natureza do absolutismo britânico. Como o especialista proeminente desse período – e o historiador mais estabelecido na seção do século XVI-XVII em que a maior parte das discussões sobre esse assunto ocorreu – Hill foi o principal instigador. O ponto crucial do debate girou em torno da questão de saber se a Revolução Inglesa dos anos 1640 era, em algum sentido, uma “revolução burguesa” e, se assim fosse, se poderia caracterizar a Inglaterra pré-revolucionária como “feudal”.²² Isso naturalmente alimentou um segundo debate, que agora é bem conhecido, sobre

21 Howe desenvolveu um empreendimento notável ao reconstituir a lista de membros do GHPC para além do grupo central de historiadores conhecidos. Ver: HOWE. “The Past Is Ours”, p. 457-478.

22 Esses debates foram republicados, com uma extensa introdução, em: PARKER, David. *Ideology, absolutism and the English Revolution: debates of the british communist historians, 1940-1956*. Londres: Lawrence and Wishart, 2008.

a “transição” do feudalismo para o capitalismo. O catalisador desse debate foi a publicação dos estudos seminais de Dobb sobre o desenvolvimento do capitalismo em 1946. Tal empreendimento postulou um modelo desenvolvimentista de progresso econômico que se tornou o ponto de referência para quase todos os historiadores marxistas britânicos e lançou um longo debate sobre as causas da transição do feudalismo para o capitalismo.²³ Ajudou que Dobb tivesse se envolvido com o GHPC desde o início: ele era um participante regular nas reuniões da seção e frequentemente dava breves introduções em diferentes reuniões, nas quais ele apresentava as principais questões econômicas.²⁴ Mesmo assim, seu livro e o debate que provocou reforçaram a centralidade de suas ideias. E, com a publicação de uma série de artigos de Dobb, e outros na revista *Science and Society* em 1950, o chamado “debate de transição” tornou-se um dos mais importantes pontos de discórdia na teoria marxista no Reino Unido e muito além disso.²⁵

O terceiro debate que impulsionou muitos dos intercâmbios do GHPC dizia respeito a definição do “povo” inglês e a escrita da história inglesa. No início, isso estava intimamente ligado ao processo de revisão do *People’s History* de Morton, mas essas reflexões iniciais logo deram lugar a debates mais amplos sobre o “radicalismo” popular na história inglesa. O resultado foi um esforço sistemático para restaurar figuras proeminentes e eventos que pudessem demonstrar a força de uma tradição radical na política inglesa e ampliar o foco da política comunista da classe para uma noção mais expansiva do “povo”.²⁶ O quarto grande debate, que se tornou mais claramente articulado com o passar do tempo e reuniu elementos dos outros três, foi sobre a história do capitalismo britânico. O principal desafio para o grupo como um todo foi criar uma história coerente do capitalismo na Grã-Bretanha, desde a “transição” do século XVII até meados do século XX. Esse foi o tema de uma grande conferência do GHPC em 1954, na qual os membros mais proeminentes do grupo exploraram os principais contornos da “ascensão e declínio do capitalismo” na Grã-Bretanha.²⁷

Desnecessário dizer que o impacto desses debates no desenvolvimento intelectual subsequente de Hobsbawm foi profundo. Quando se juntou ao GHPC em 1946, estava ainda no primeiro ano de sua pesquisa de doutorado. Assim, não poderia alegar de forma plausível qualquer conhecimento nessas quatro áreas de discussão, exceto o que ele havia aprendido como um estudante brilhante e em suas leituras durante os anos de guerra. Dez anos depois, tudo mudou. Não apenas muitos dos pequenos artigos que ele publicou na imprensa no final da década de

23 DOBB, Maurice. *Studies in the Development of Capitalism*. Londres: George Routledge and Sons, 1946. Hobsbawm afirmou que o *Studies* foi o “grande trabalho histórico” que “nos influenciou [os membros do GHPC] de forma crucial” e “formulou nosso principal e central problema”. HOBBSAWM. “The Historians’ Group”, p. 23.

24 SHENK, Timothy. *Maurice Dobb: political economist*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013. p. 113.

25 SWEEZY, Paul M.; DOBB, Maurice. “The Transition from Feudalism to Capitalism”. *Science & Society*, v. 14, n. 2, p. 134-67, 1950. Para o contexto dos debates iniciais entre Sweezy e Dobb, ver: Shenk. *Maurice Dobb*, p. 146-155; sobre o impacto global acerca do debate sobre a transição, ver: CHABAL, Emile. “The voice of Hobsbawm”. In: Aeon (8 October 2018), <https://aeon.co/essays/how-eric-hobsbawm-helped-shape-the-global-marxist-imagination>.

26 Schwarz discute algumas das possíveis razões individuais que levaram a esse interesse pelo “povo”. O perfil intelectual de alguns membros (como Hobsbawm, Kiernan e depois E. P. Thompson), encorajou o grupo a deslocar a crítica cultural (marxista) do campo literário para a história. Ver: SCHWARZ. “The people in history”, p. 54-64. Houve também um forte ímpeto de dentro do PCGB para criar “heróis” ingleses passíveis de apropriação pelo movimento comunista. Sobre isso, ver: HOWE, Antony. “Our only ornament: Tom Mann and British Communist hagiography”. *Twentieth Century Communism*. v. 1, n. 1, p. 91-109, 2009.

27 “The Rise and Decline of British Capitalism, abstract of papers read and discussion at a Summer School of the Historians’ Group of the Communist Party” (sem data [1954]). PHM CP/CENT/CULT/10/1.

1940 voltavam-se a assuntos diretamente relacionados às prioridades da GHPC (como o centenário de 1848 ou sobre o socialista inglês William Morris), mas seu trabalho acadêmico foi poderosamente moldado por assuntos animados no âmbito do grupo. Ele produziu sua primeira publicação acadêmica – uma coleção de fontes primárias relacionadas à história da classe trabalhadora britânica – por causa do grupo, e mais tarde ajudou a criar a revista *Past & Present* como uma extensão direta de seu trabalho ali. Em um nível mais intelectual, ele publicou, em meados da década de 1950, um artigo inovador sobre a “crise geral” do século XVII e vários artigos eloquentes sobre momentos de protesto da classe trabalhadora na Inglaterra, todos de perto relacionados ao trabalho realizado no GHPC. Um pouco mais tarde, no final dos anos 1950, Hobsbawm baseou-se no impulso teórico das discussões do GHPC sobre o capitalismo britânico para escrever a primeira de suas histórias “totais”, *The Age of Revolution* (1962). Com uma gama tão rica de possibilidades de pesquisa, é fácil entender por que Hobsbawm nunca teve muito interesse em publicar e divulgar seu trabalho de doutorado sobre o movimento fabiano. O GHPC e suas discussões ofereceram-lhe uma tela muito maior e mais emocionante para pintar.

Mas a importância do GHPC não está simplesmente no estímulo intelectual que ele proporcionou. Havia também, pelo menos por parte de Hobsbawm, o desejo de recriar o mundo perdido das trocas políticas e intelectuais entre guerras. Não seria exagero dizer que, para alguém como Hobsbawm, o GHPC desempenhava a mesma função que as redes informais de conhecimento e ideias que existiam nos círculos de esquerda no final da década de 1930 em Cambridge ou na *London School of Economics*. Estes haviam reunido estímulo intelectual, amizade profunda e engajamento político, e é óbvio que Hobsbawm sentia o mesmo sobre o GHPC. Em seu relato de 1978, ele era explícito sobre o aspecto interpessoal de seu envolvimento – “para a maioria [o GHPC] era sobre amizade” – e havia mais que uma sugestão de nostalgia romântica (masculina) na forma como ele descreveu a camaradagem que sustentava as atividades do grupo:

[Membros do grupo] costumavam passar, normalmente nos fins de semana, pelo que a memória lembra, pelas ruas úmidas, frias e levemente enevoadas de Clerkenwell até a Casa Marx ou o cenáculo do Restaurante Garibaldi, em Laystall Street, armados com agendas mimeografadas, fichamentos de “teses” ou argumentos sumários. Saffron Hill, Farringdon Road e Clerkenwell Green nos primeiros dez anos do pós-guerra, não era um ambiente sibarítico ou mesmo muito acolhedor. Austeridade física, excitação intelectual, paixão política e amizade são provavelmente o que os sobreviventes daqueles anos mais se lembram.²⁸

Tão vívida é a imagem nessa passagem que é tentador pensar que Hobsbawm estava impondo suas experiências pós-guerra àquelas de seus dias de graduação. Mas há muitas evidências que sugerem que é exatamente assim que ele – e os outros – se sentiram na época. O intelectual comunista judeu Chimen Abramsky, que era um membro do GHPC até meados da década de 1950, mas depois deixou o Partido, organizou reuniões de acompanhamento depois das reuniões do comitê em Londres. Hobsbawm e outros se reuniam em sua sala “para comer e conversar durante a noite”. As discussões cobriam toda uma gama de temas politicamente motivados, incluindo debates sobre Marx e as “minúcias” de seu pensamento. Tudo

28 HOBBSAWM. “The Historians’ Group”, p. 25.

foi lavado com xícaras quentes de chá, pacientemente fornecidas pela esposa de Abramsky, Mimi.²⁹ Lionel Munby foi outro dos primeiros membros, que passou a maior parte de sua carreira subsequente lecionando história para o Departamento *Extra-Mural* da Universidade de Cambridge. Em uma palestra que deu sobre o GHPC em 1992, ele concordou inteiramente com a avaliação de Hobsbawm de seu caráter fortemente coletivo. Ele acrescentou que era um ambiente excepcionalmente horizontalizado, no qual especialistas e não especialistas compartilhavam suas opiniões.³⁰ Em ambos os relatos, a camaradagem aparece como a característica definidora da “Idade de Ouro” do Grupo de Historiadores.

O que era verdade para Abramsky e Munby não era necessariamente verdade para os outros, no entanto. Alguns membros expressaram sua insatisfação com a direção que o GHPC estava tomando. Eles sentiram que o grupo estava se tornando muito parecido com uma universidade debatendo a sociedade. Morton, cujo livro havia sido despedaçado por membros do grupo, confessou em 1947 se sentir alienado em relação aos “jovens acadêmicos” que estavam na vanguarda da organização.³¹ Da mesma forma, Grant lamentou em 1954 que “pessoas não universitárias são inúteis em um grupo treinado em universidade”.³² Da mesma forma que alguns estudantes de Cambridge, no final da década de 1930, eram isolados dos mundos sociais das revistas do CUSC (Cambridge University Socialist Club) e *Granta* por causa de sua falta de capital cultural, Morton e Grant acharam difícil compartilhar a visão romântica que seus companheiros acadêmicos tinham da revolução intelectual. Houve um choque de estilos, e aqueles com menor pedigree acadêmico naturalmente se sentiram marginalizados. O fato de que os esforços do GHPC para produzir livros didáticos para um mercado de massa foram frustrados, apenas serviu para sublinhar esse ponto. Eles estavam certos em pensar que o grupo era, para seus membros mais academicamente talentosos, um ponto de partida vital e fonte de ideias, em vez de um fim em si mesmo.

Outro problema foi a diferença no grau de ligação à linha partidária. Para alguém como Hobsbawm, o GHPC era um lugar para comunistas apaixonados compartilharem suas ideias; não foi concebido como um exercício de distorção histórica ou hagiografia. Isso provavelmente explica a relação fria entre Hobsbawm e Torr, que foi uma das principais instigadoras do GHPC. Enquanto Hill e Saville citavam Torr como uma de suas maiores influências, Hobsbawm dificilmente a mencionava.³³ Todas as evidências sugerem que ele a achou uma personagem um tanto rabugenta e dogmática. Ela estava impaciente com seu desejo constante de retocar a linha do Partido e eles lutaram para trabalhar juntos quando Hobsbawm recebeu a tarefa de editar o terceiro volume da coleção patrocinada pelo Partido de documentos primários sobre a história da classe trabalhadora britânica, intitulada *Labour's Turning Point, 1880-1900* (publicada em 1948).³⁴ Como ele colocou em uma

29 ABRAMSKY, Sasha. *The House of Twenty Thousand Books*. Londres: Halban, 2014, p. 198-202.

30 MUNBY, Lionel. “The Communist Party Historians (History) Group” (1991-2?). PHM CP/HIST/2/6.

31 [Carta de Morton para Morley 9 de maio de 1947, Morton MSS, Marx Memorial Library, Morton Papers.] HOWE. “The past is ours”, p. 478.

32 HOWE. “The past is ours”, p. 478-9.

33 Para se ter uma ideia de como alguns membros do GHPC concebiam Torr, veja: SAVILLE, John. “Introduction”. In: SAVILLE, John (ed.). *Democracy and the Labour Movement: essays in honour of Dona Torr*. Londres: Lawrence & Wishart, 1954. Os principais entusiastas do volume foram Saville, Hill e Dobb. Hobsbawm contribuiu com um capítulo, mas isso não pode ser considerado uma expressão de qualquer afeição especial por Torr. Sobre isso, ver especialmente: Eric Hobsbawm a John Saville (4 de agosto de 1952), Hull History Center (doravante HHC) U DJS / 1/20. Essa correspondência indica a profundidade do sentimento positivo que outros membros do CPHG nutriam por Torr.

34 HOBBSAWM, Eric (ed.). *Labour's Turning Point, 1880-1900*. Extracts from contemporary sources. Londres: Lawrence & Wishart, 1948. Texto publicado pela série “History in the Making”, editada por Torr. Foi,

entrevista em 1990: “Eu a achei um pouco tacanha e não consegui nada com meus contatos... A minha opinião era que qualquer coisa que ela realmente escrevesse sobre a história do trabalho não era muito boa”.³⁵ Torr representou a antítese da solidariedade romântica e do envolvimento crítico que Hobsbawm acreditava estar no cerne do *ethos* do GHPC. Ao mesmo tempo, era certamente a proximidade de Torr com a hierarquia partidária do PCGB que protegia o Grupo dos Historiadores das areias movediças da política comunista do pós-guerra.³⁶ Como uma estadista mais velha, que comandava o respeito por seu compromisso inabalável com a causa, Torr poderia proteger o PCGB do tipo de escrutínio ideológico que se mostrava tão prejudicial para outras organizações culturais comunistas, tanto no Reino Unido quanto em outros lugares. Paradoxalmente, foi exatamente o traço que Hobsbawm achou mais desagradável sobre ela que assegurou que o GHPC permanecesse como o espaço onde ele – e outros – conseguissem se expressar com relativa liberdade.

Na mente de Hobsbawm, foi essa liberdade pessoal e intelectual que tornou o GHPC uma instituição tão valiosa. Mas o GHPC era mais do que um mero veículo de argumento historiográfico; também exerceu um poderoso efeito sobre os indivíduos. Para Hobsbawm, o GHPC era uma ponte vital entre o mundo perdido da política de esquerda do final da década de 1930 e o futuro incerto do pós-guerra. O grupo desempenhou um papel fundamental em seu desenvolvimento intelectual e ajudou-o a forjar uma densa teia de amizades que apoiaram sua atividade acadêmica e política no final dos anos 1940 e início dos anos 1950. O Grupo de Historiadores era um lugar onde ele podia compartilhar e testar suas ideias e explorar a relação entre a política comunista e a história acadêmica. Embora ele fosse enfaticamente um membro do Partido nesse período, e firmemente voltado aos princípios do stalinismo, ele acreditava que poderia combinar paixão política com rigor historiográfico. Tudo o que ele precisava era de um grupo dedicado de amigos, mentores e colegas para lhe dar suporte. Juntos, eles poderiam enfrentar seus inimigos e o início da Guerra Fria, sabendo que poderiam confiar um no outro. Foi somente em 1956, quando o movimento comunista global ameaçou romper-se diante de suas próprias contradições, que a fé de Hobsbawm começou a vacilar. Mas, mesmo assim, ele nunca esqueceu a importância da amizade para uma vida intelectual saudável. Foi um reflexo que garantiu sua sobrevivência acadêmica.

Recebido em 06/09/2018

Aprovado em 26/09/2018

tecnicamente, o primeiro livro acadêmico de Hobsbawm.

35 HOWE, Antony. “Dona Torr”. In: GILDART, Keith; HOWELL, David (eds.). *Dictionary of Labour Biography*, Volume XII. London: Palgrave Macmillan, 2005, p. 279.

36 HOWE. “The past is ours”, capítulo 6.